

Perfumes de Orquídeas - Parte III

Histórias e Impressões.

Antonio Ventura Pinto*

Sidnei Pedro Resende

Stanhopea sp.

Abstracts: *It was focused some historic facts and personal impressions provoked by scent upon human being. Some odoriferous groups of scent plants are indicated for neophyte orchidist, as well as their sensorial olfactory qualities. A special attention was made to infuse a new perspective in order to stimulate the cultivars of odoriferous plants for use in prize competitions*

Desde priscas eras os odores exercem fascínio sobre a humanidade. Acredita-se que na história da gênese animal a percepção de odores foi um sentido adquirido antes da agudez da visão, mas que sucedeu o do tato nos seres primordiais. Possivelmente o olfato foi um sentido de percepção meio termo

para o reconhecimento entre o distante e o contacto próximo direto. Embora de atuação limitada, no espaço e no tempo, os odores têm, diferentemente da observação visual, a vantagem da percepção não linear. Esta fatuidade torna a olfação um dos sentidos mais eficientes à curta distancia, comparável ao da audição. Ainda hoje, os odores são importantes para uma grande maioria de vegetais e animais, por exemplo, servindo de meio de ferramenta de comunicação na co-evolução entre estes dois reinos.

Exemplo marcante da importância dos odores na família das orquídeas está a polinização de flores por insetos. No reino animal, os odores ainda atuam na atração sexual e na defesa contra predadores. No estágio atual da evolução da espécie humana, a percepção de odores tem um relativo papel na comunicação com o meio ambiente. À espécie humana coube, como herança de épocas remotas, o reconhecimento atávico de perfumes e de emanções nauseabundas, entre outras sensações de importância emotiva e comportamental.

Evidentemente, os perfumes são os mais apreciados entre os aromas emitidos na natureza. Isto se reflete na prática da perfumaria, uma arte muito antiga na historia da humanidade. Supõe-se que muito antes da domesticação do fogo já a espécie humana se comprazia

com emanações ambientais perfumadas. Provavelmente, o uso de aromas em atos de devoção mística foi uma prática que facilitou a agregação social primitiva, por ser um elo comum de agradabilidade compartilhada. Disto resultaram as incinerações de incensos em homenagens divinatórias e em ritos fúnebres, costumes estabelecidos em épocas bem remotas. Estes antigos ritos são tão marcantes na cultura humana, que ainda hoje são praticados por alguns povos da atualidade.

A antropologia moderna já tenta associar a prática social de perfumes a um resquício de comportamentos primitivos, lembranças de quando os odores atuavam de forma decisiva na vida sexual dos avós humanóides.

Sejam quais forem as razões inconscientes de seu uso na sociedade moderna, os perfumes desencadeiam estímulos dos mais diversos nos seres humanos, despertando a auto-estima,

valorizando os contactos sociais e evocando estados psíquicos profundos. As classes sociais são deveras influenciadas pelos perfumes, conferindo aos seus usuários as aparentes qualidades do bom gosto, de civilidade e de destaque econômico. Para uma boa avaliação da afetividade emotiva às inalações de perfume, comparem-se as inodoras flores plásticas, que apesar de agregarem em si as belezas das artes plásticas modernas, não conseguem criar o imaginário fantástico das naturais odoríferas. Hoje, a industrialização dos perfumes, sob o impacto da propaganda comercial, é capaz de despertar motivações psicológicas diversas, induzidas na maioria das vezes por agências de publicidade bem intencionadas. A perfumaria, como arte, já tem até os seus grandes mestres e bruxos.

Não é de todo insensato supor que o soberbo mundo odorífero da família Orchidaceae não venha, de modo sub-reptício, despertar nos seres humanos um clima de sensualidade erótica, tal como ocorre aos insetos polinizadores, quando enfeitiçados por perfumes de flores. Isto, como se sabe, faz com que abelhas machos tendam à pseudocópula sobre labelos durante a polinização, atraídos por perfumes que, “coincidentemente”, têm em seus buquês constituintes hormonais dos insetos femininos. De modo geral, muito se poderia falar sobre as teorias que abordam estas questões, todavia estas questões são mais adequadas aos amantes das ciências biológicas comportamentais.

Historicamente, segundo foi possível de se constatar em literatura especializada, o mais antigo registro



Cattleya aclandiae



Vanilla sp.

conhecido sobre perfumes data do século doze antes de Cristo, assinalado nos poemas do persa Gilgamesh. Este poeta decantou o uso de perfumes por seus ancestrais, viventes dos séculos XXVII e XXVIII anteriores a sua época. São relatos épicos sobre ritos divinatórios e funéreos, na maioria versando sobre a queima de cedro e de mirra no mundo persa muito mais primitivo. (Kaiser, 1991).

Entre os povos antigos, os egípcios foram, sem dúvidas, os mestres na arte da perfumaria. Este povo fazia uso de plantas aromáticas em rituais místicos e em mumificações. Datam do século IV a. C. os mais antigos registros, em papiro, sobre os perfumes no mundo egípcio. Os antigos egípcios bem conheciam processos de extração e de uso de óleos odoríferos e balsâmicos. Foram também

mestres no manuseio de corantes de origem vegetal e animal. Esta difusão de costumes indica que os egípcios formavam uma civilização de grande avanço tecnológico para a época.

No antigo Egito, os perfumes foram empregados não só para rituais, como também em curas e em cosmetologia. O nariz mítico de Cleópatra simboliza a mais alta hierarquia da afetiva sensibilidade estética da humanidade aos perfumes.

Outro povo do oriente médio, os árabes, levavam consigo, nas conquistas, além do alcorão e das espadas, os perfumes. A retorta, um destilador para a extração de essências odoríferas de plantas, foi uma herança árabe à Europa medieval, Figura-1. Os princípios científicos desta metodologia antiga ainda hoje são empregados para diversos fins em laboratório de química moderna. Bem mais antigo, na Índia, o uso do destilador de perfumes já era conhecido 3000 anos antes da era cristã, muito anterior à sua disseminação pelos árabes no Ocidente (Partington, 1937).

Registros sobre perfumes de orquídeas são também antigos na história dos povos. Porém raros. Salvo engano, os mais longínquos remontam à antiga China de Confúcio. Este filósofo já se referia aos perfumes de certas plantas, provavelmente espécies do gênero *Cymbidium*: “cujos perfumes atrativos foram comparados a uma jóia rara, presente da amizade de um ser divino”. Uma introspecção leva-nos a crer que se tratava mesmo de aromas do gênero *Cymbidium*, já que algumas dessas plantas encontram-se estampadas em cerâmicas

da época do filósofo chinês. Ainda hoje, uma tradição oriental muito antiga na China e no Japão, perpetuada por gerações, é o uso de *Cymbidiuns* odoríferos em arranjos domiciliares, uma cultura cuja origem provavelmente remonta aos períodos mais antigos destas civilizações. Esta tradição está tão presente na cultura oriental, que no Japão de hoje se fazem exposições específicas de orquídeas odoríferas, com premiação de plantas segundo as qualidades de seus perfumes. Nestas exposições, as plantas odoríferas são avaliadas por juízes orquidósmófilos ("cheiradores"), usando critérios próprios de classificação e de avaliação na escolha de matrizes à premiação. Até onde foi possível de se saber, estas exposições rivalizam-se, tanto em interesse como em esplendor, com as tradicionais voltadas à escolha de soberbas belezas. Os leitores interessados podem consultar o artigo de Nakamura et alli, 1990, no Amer. Orch. Soc. Bull., número 10, à página 1031, revista disponível na biblioteca da ORQUIDÁRIO.

A seleção de plantas odoríferas, uma prática evolutiva das orquídeas no hábitat natural, já tem, grosso modo, seus imitadores no Japão. Talvez estejamos no limiar de uma nova moda horticultral, ou seja, selecionar e cultivar matrizes pelas qualidades de seus perfumes. Nada é impossível ao orquidomaníaco compulsivo.

A abordagem odorífera vem a contento se agregar à tradicional, voltado à seleção de plantas por critérios anatômicos e polimórficos de flores. É interessante observar que espécies

selecionadas quanto aos seus perfumes não necessariamente geram espécies dotadas de flores de estética apreciável. De fato, é notório, para a maioria dos colecionadores, que muitas espécies odoríferas de qualidades excepcionais às vezes não são dotadas dos requisitos de beleza necessários para também fazê-las campeãs de exposições ornamentais tradicionais. Todavia, não se deve desanimar. Além da apreciação de perfumes agradáveis, a seleção de orquídeas pelos seus odores volta-se na direção certa da utilização de seus buquês para uso em perfumaria industrial, como discutimos em nosso último artigo nesta revista (Pinto, 2000, ORQUIDÁRIO, número 3).

Numa nova perspectiva, ao explorar o mundo das orquídeas, o orquidófilo deve estar bem despertado para as espécies odoríferas, de grande potencial comercial, mesmo quando desprovidas de soberba beleza.

Ao livre arbítrio do pensamento, da mesma forma que os enólogos selecionam safras vinícolas, apurando-as a critério de prerrogativas organolépticas, pode-se já antever um novo profissional, os orquidósmólogos, indivíduos voltados à apuração de jóias perfumadas do mundo orquidáceo. Este novo profissional, orquidófilo olfato-sensitivo, de modo precípua selecionará orquídeas por seus odoríferos buquês florais.

Sob o enfoque da preservação, os estudos específicos sobre buquês florais e sua prática perfumista vêm revelar um subjacente e incalculável potencial odorífero natural. Este conhecimento, bem empregado, é capaz de levar a uma

racional seleção de plantas naturais, de outro modo sem muito interesse. Nesta práxis, o valor odorífero de uma orquídea poderia ser avaliado no hábitat, sem a necessidade de coleta indiscriminada, ou mesmo facilitar a reintegração delas ao fim de uma avaliação de espécies odoríferas cultivadas em estufas. Este último aspecto leva-nos a lembrar aos ambientalistas que espécies deveras perfumadas, dentre um grupo de plantas congêneres, sejam provavelmente as mais recomendadas para a reintegração na natureza devido a abundância de fragrâncias nos seus buquês, que melhor proporciona a atração de insetos polinizadores. Este será um dos benefícios dos estudos sobre orquídeas odoríferas ao saber ecológico. Uma política de replantio artificial em bases científicas.

A preservação de espécies naturais odoríferas torna-se assim um fator econômico e ecológico da maior importância, não só para se preservar os ciclos naturais das plantas, como também descortinar espécies de potencial à industrialização de seus perfumes. Motivos e motivos mil para se lutar pela preservação do patrimônio genético natural.

O grande filão de fragrâncias das orquídeas brasileiras constitui-se em mais um fator a entusiasmar os orquidocultores nacionais a garimparem nesta área. O estudo dos odores vai deixando de ser apenas uma curiosidade científica, e alça-se ao plano das práticas mercadológicas industriais. Não são outros os motivos de inúmeras e diversificadas propagandas no espaço da rede mundial de computadores (Internet).

Só na América há atualmente o registro de 39 diferentes empresas voltadas à exploração de fragrâncias orquídeas. Muitas destas empresas oferecem fragrâncias reconstituídas de modo mimético a partir de buquês naturais.

Retornando-se ao enfoque histórico, no Ocidente as orquídeas odoríferas são igualmente apreciadas, porém sem muitos registros catalogados. Os astecas já faziam uso delas quando os espanhóis, no início do século XVI, aportaram no novo mundo. Nesta época, o mundo “civilizado” dos conquistadores entrou pela primeira vez em contato com o uso de cápsulas perfumadas de *Vanilla* curtidas, para aromatização de comestíveis e de bebidas reputadas como afrodisíacas. Em relação a este último uso, é interessante notar a curiosa coincidência da palavra espanhola vainilla, -que deu origem ao nome do gênero,- derivar da palavra latina vagina, nome romano da anatomia sexual feminina. Um grande devaneio para os conquistadores espanhóis foi a infusão de chocolate aromatizado por *Vanilla*. Em 1510 o conquistador Cortez levou esta iguaria para a corte espanhola. Foi o início da globalização do chocolate, um sucesso que até hoje perdura. Os europeus domesticaram seu uso, tornando o chocolate uma iguaria das mais requintadas nas cortes européias. Curiosamente, dizem as crônicas da época que a rainha Marie-Therese, esposa de Luiz XV, o rei sol, adorava chocolate viscoso e outras iguarias aromatizadas com *Vanilla*. Até hoje, o odor da baunilha, nome comercial das cápsulas odoríferas de *Vanilla*, vem despertar a gula dos que

gostam de comer chocolate (Hausen, 1993).

De verve irônica, madame de Sevigné, uma cronista escrevendo sobre o seu tempo, na corte francesa do século XXIII, relata de modo humorístico as peripécias de uma marquesa amiga, uma cortesã chocolatômana inveterada. Esta nobre senhora compulsivamente babava ao sentir o menor odor de baunilha, muito lembrando o cachorro de Pavlov no seu comportamento condicionado. Destaca a cronista que a marquesa avidamente conseguia sorver fartas sobremesas de chocolate aromatizado, mesmo após refeições de frangos inteiros, acompanhados de costelas suínas fritadas na gordura do próprio animal. Muito malévola, a cronista remata que a marquesa, de tanto comer chocolate, acabará parindo um bebê negríssimo

como o diabo e fedorento à baunilha. (Doyle, Tribuna da Imprensa/RJ, 25 de agosto, 2000).

No início da era colonial moderna, a *Vanilla* foi selvagem à Europa, retornando de lá urbanizada séculos depois. Apesar de geograficamente vizinho ao México, o uso condimentar da *Vanilla* curtida só foi introduzido na América (USA) em fins do século XVIII, trazida da França por Thomas Jefferson, de retorno de uma viagem (Kaiser, 1991). A *Vanilla* possivelmente foi a maior conquista civilizada empreendida pelos navegadores Ibéricos.

Até hoje, as cápsulas invaginadas da baunilha verde são fermentadas em estado sólido (curtidas) conforme as técnicas pioneiras dos astecas. Durante a fermentação, as cápsulas verdes, aparentemente inodoras, adquirem



Foto Arquivo Araruna

Maxillaria tenuifolia



Miltonia flavesceus

tonalidade escura e tornam-se odoríferas. O buquê da fragrância lembra a vanilina, uma substância odorífera do grupo químico dos aldeídos aromáticos.

De fato, a vanilina é o maior constituinte do buquê da vagem curtida. Estudos científicos modernos indicam que a vanilina somente é formada após a morte das células do vegetal verde. A presença da vanilina nas vagens curtidas resulta da decomposição de alguns ingredientes naturais do vegetal vivo, feita por fungos fermentadores. Entretanto, a vanilina já foi detectada em flores perfumadas de muitas orquídeas, de diversas espécies. Ao nosso conhecimento, até hoje não foram ainda quimicamente caracterizados todos os constituintes do buquê da baunilha natural. Fica aqui uma sugestão de estudo

aos orquidófilos de talento químico.

Voltando aos astecas, este povo também fazia uso das vagens curtidas em licores e condimento em geral, costume ainda hoje empregado na culinária internacional. Muitas espécies de *Vanilla* até hoje são curtidas e comercializadas sob o nome genérico de baunilha, à venda em comercio requintado. A indústria química usa a vanilina sintética pura como ingrediente para perfumar produtos comestíveis industriais. Entretanto, ao que parece, a baunilha natural possui características odoríferas superiores à sintética, decorrente de impurezas catalisadoras de aromas.

Curiosamente, enquanto as vagens da baunilha curtida são aromáticas, as flores do gênero *Vanilla* aparentemente caracterizam-se por perfumes notívagos muito fugazes e de fraca atuação. Este aspecto é bem interessante para os estudiosos, pois a grande maioria das plantas de flores brancas ou verdes, polinizadas por insetos notívagos, geralmente são apercebidas pelo olfato humano.

Aspecto muito peculiar da *Vanilla*, consiste nas dermatites alérgicas provocadas pelo vegetal. Esta ocorrência provoca irritação nos trabalhadores durante a época da colheita das vagens verdes. Sem necessariamente haver uma relação de causa e efeito, a baunilha mostra uma ambivalência antagônica, entre o agradável dos perfumes das vagens curtidas, contrastando com os deletérios princípios alérgicos à derme humana causados por ingredientes tóxicos da planta. Numa visão holística, o equilíbrio do bem com o mal (Hansen, 1983).

Até passado recente, os odores de orquídeas não passavam de simples curiosidade ou apenas despertavam brados de afetiva admiração para a grande maioria dos orquidófilos. Hoje, os aromas destas plantas se destacam nas mais variadas áreas da atividade humana, indo do científico puro, ao mercado sofisticado de aromas.

Entretanto, desde longa data as características odoríferas das orquídeas não foram de todo despercebidas pelos taxonomistas desta família. Epítetos latinos nos nomes de muitas espécies, como *odoratissima*, *odorata*, *odorus*, *fragrans* e *fragrantissimus*, denotam as qualidades odoríferas das plantas nomeadas. Muito interessante é o caso do *Epidendrum nocturnum*, que apesar florir dia e noite, tem este nome específico devido à emissão noturna de seus perfumes. Outra curiosidade é a *Encyclia citrina*, por lembrar, nos seus perfumes, o de limão.

Na atualidade, já se é possível racionalmente colecionar, baseado no conhecimento da tradição orquidófila, plantas de valor odorífero acentuado. Inúmeros grupos naturais são

reconhecidos, inclusive alguns híbridos, o que permite colecioná-las da mesma forma como se abastece um refinado toucador com insumos comerciais odoríferos disponíveis.

Entre alguns gêneros, reconhecidos de possuírem geralmente espécies odoríferas, podem ser citados, por área geográfica:

África:

- *Angraecum* (*sesquipedale*, *eburneum*, *eichlerianum*, *superbum*, *iconis distichum*, etc, e híbridos).
- *Aeranges* (*kotschyana*, *multiflorum*, *odoratum*, etc).
- *Diaphanranthe pellucida*.

Ásia e Oceania:

- *Cymbidium* (*ensifolium*, *goeringii*, etc e híbridos).
- *Phalaenopsis violacea*.
- *Vanda* (*coerulescens*, *tesselata*, *tricolor*).
- *Cirrhopetalum* (*gracillium*, *fascinator*).
- *Dendrobium* (*anosmum*, *antennatum*, *bekleri*, *cariniferum*, *chrisotoxum*, *fimbriatum*,



Cattleya percivaliana

glumaceum, rigidum, lichenastrum, leonis, superbiens, wardianum, primulinum, etc).
 • *Dendrochilum (cobbianum, glumaceum).*

- *Himantoglossum hircinum.*
- *Ophrys apifera.*

América:

- *Bifrenaria (atropurpurea, harissoniae).*
- *Brassavola (cuculata, revoluta, nodosa, acaulis).*
- *Catasetum (pileatum, hookeri, etc).*
- *Cattleya (aclandiae, amethystoglossa,*

Europa:

- *Orchis (criophora, punaise).*
- *Platanthera (bifolia, orchis, chlorantha).*
- *Anacamptis pyramidalis.*
- *Dactylorhiza sambucina.*

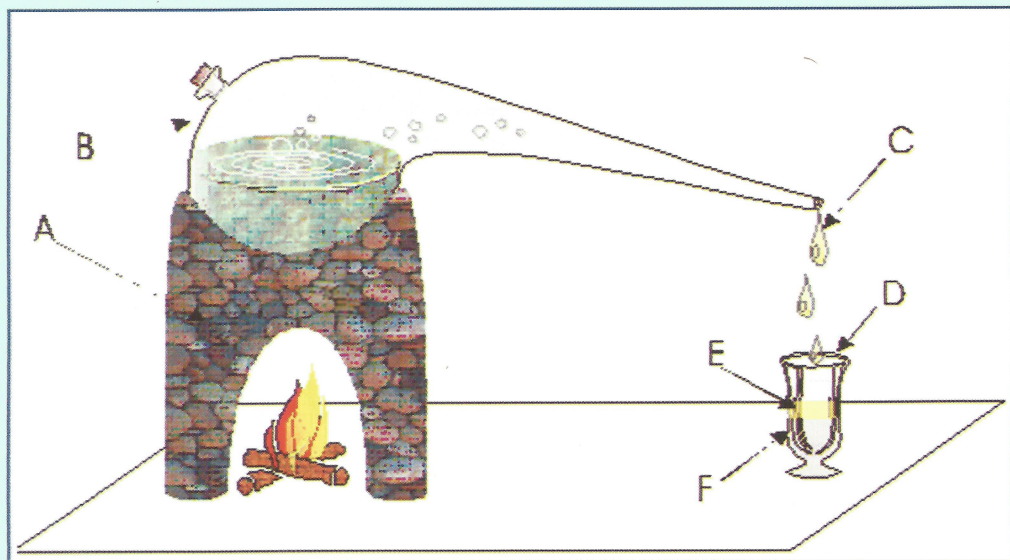


FIGURA-I: Retorta em Estilo Medieval.

Instrumento destinado à extração de óleos vegetais aromáticos, por arraste com vapor de água. **A:** fornalha. **B:** retorta, geralmente de cobre, latão, ferro fundido e posteriormente, na renascença, em material vítreo. No seu interior, água e material vegetal odorífero, por exemplo, folhas de eucalipto. Ao ser aquecida, a água entra em ebulição, rompendo o vegetal e liberando os óleos essenciais naturais do interior celular. O vapor de água quente arrasta consigo as essências, sob a forma de vapor, na temperatura de ebulição da água. Na parte funilada da retorta, a mistura de vapores, água e óleos, se resfriam. **C:** gotas resfriadas; mistura de óleos essenciais e água, imiscíveis. **D:** copo coletor. Conde se tem a separação da mistura; fase oleosa sobrenadante, (**E**), e a fase inferior, de água (**F**). Até hoje, porém de forma técnica sofisticada, o arraste por vapor é um princípio físico ainda utilizado na indústria de odores, uma herança árabe na ciência moderna.

dowiana, *granulosa*, *leopoldii*, *loddigesii*, *mossiae*, *walkeriana*, etc).

- *Encyclia* (*alata*, *citrina*, *tampensis*, *radiata*, etc).
- *Anacheilum* (*fragrans*, etc).
- *Epidendrum* (*nocturnum*, *ciliare*, etc).
- *Miltonia regnelii*,
- *Oncidium* (*longipes*, *ornithorhynchum*, *lanceanum*, *calochilum*, *tigrinum*).

Estas são apenas algumas espécies odoríferas entre muitas citadas (Soule, 1990 & Schnepfer, 1961).

Das Américas, pode-se ainda citar outros gêneros dotados de espécies odoríferas apreciáveis: *Gongora*, *Zygopelatan*, *Stanhopea*, *Rodriguezia*, *Laelia*, etc. Felizmente, uma grande dispersão de orquídeas que muitas vezes vêm congrega a beleza estética com as emoções provocadas por seus perfumes. Sem dúvidas, o orquidófilo sul americano tem às mãos um grande manancial para deleite.

Uma grande dificuldade no estudo dos perfumes se refere à falta de uma padronização metodológica impessoal de caracterizá-los. Embora de caráter psicossomático, variando de indivíduo para indivíduo, no espaço e no tempo, a simples prática olfativa vem sendo há muito tempo empregada pelos orquidófilos para estigmatizar espécies odoríferas. Assim, por exemplo, muitas

orquídeas são lembradas como possuindo odores frescos esverdeados, evocando aromas de canela, lírios adocicados, de jacintos noturnos, de rosas frescas, de perfumes frugais, de cheiros adocicados e de açúcar queimado, odores alaranjados, etc, toda uma série de matizes olfato fisiológicas, que geralmente refletem as emoções dos apreciadores dos seus perfumes. No estado atual das ciências fisiológicas ainda não foi possível definir uma escala de padrões estritamente técnico impessoal, que objetivamente venha definir as qualidades sensoriais olfativas de fontes emissoras. Mas não se deve supor que esta limitação seja tão importante assim para os orquidófilos, a ponto de prejudicá-los na apreciação do fantástico mundo odorífero das flores.

A seguir, apresentamos registros, baseados no senso olfativo comum, que procuram definir as qualidades de algumas espécies perfumadas (Orchidéés et protection, nº 4, 2000, France):

Angraecum aporoides; emissora de forte buquê de anis, entremeado de limão verde e baunilha.

Angraecum bosseri; emissora de um incontestável odor, ocasionalmente temperado de canela.

Brassavola acaulis; evoca um perfume de toalete masculino, às vezes com rastros de fogos de artifícios em queimação.

Brassavola nodosa; lembra o odor de canela, matizado com flores secas de cravo condimentar.

Catasetum pileatum; emite um agradável e cativante perfume fresco, mas ainda indefinido.

Catasetum integerrimum; odor pungente e meio açucarado.

Nota:

A Parte I, Os odores na polinização de orquídeas, foi publicada no Vol. 14, nº 2, 43-47; a Parte II, Perfume de orquídeas, Análise por GC-MS, foi publicada no Vol. 14, nº 3, 14-23.



Sérgio Araújo

Rodriguezia bracteata (= *R. fragrans*) uma das flores mais perfumadas das orquídeas brasileiras

Cycnoches chlorochilon; evoca um aroma de frutas exóticas maduras.

Cattleya aclandiae; evocativo de rosas matinais recém cortadas.

Cattleya dowiana; forte fragrância de cravo, com tons de canela e de rosas orvalhadas.

Cattleya labiata; odor agradável e pungente, que lembra o cravo condimentar.

Cattleya percivaliana; odor longínquo de percevejo, seguido de frutas verdes cortadas, temperados por cominho e canela.

Cymbidium ensifolium; exala odores de limão, com sensações de frescor e doçura.

Cymbidium goeringii; evoca perfumes de brejo (lírios), entremeados de limão.

Dendrobium anosmum; emite odores de castanhas e de frutas muito maduras.

Dendrobium fimbriatum; evoca odores entremeados de selva tropical com o de vegetação verde comum (mato), permeado de peixe defumado.

Epidendrum nocturnum; perfume de eucalipto, com leves ondas de anis.

Encyclia citrina; muito forte, evocando aroma de limão.

Encyclia odoratissima; evoca um rastro ligeiramente adocicado de méis.

Laelia perrinii; emite odores de frutas, acompanhados de resquícios de cravo.

Maxillaria tenuiflora; odor que lembra a degustação de óleo de coco.

Maxillaria variabilis; odores oscilantes, no espaço e no tempo, entre o eucalipto e a baunilha.

Miltonia regnellii; evocativo de laranja e de tangerina, com componentes do coentro e de limão verde.

Oncidium longipes; emite odores de anis e da canela, indistintamente misturados. *Phalaenopsis violacea*; exala perfumes típicos de rosas, acompanhados por canela e citronela (citronela, uma substância odorífera do grupo químico dos aldeídos, comum em desinfetantes de banheiros públicos).

Stanhopea oculata; mistura de eucalipto com chocolate (baunilha).

Vanda tessellata; evoca a canela.

Zygopetalum mackayi; um buquê de jacintos, às vezes de narcisos, num clima de furtiva nostalgia.

Fora estes simples exemplos, há na literatura uma grande variação de relatos sobre os sentimentos que os perfumes das orquídeas desencadeiam nos seus admiradores, sendo muitas vezes assim estigmatizadas. Uma lista muito grande, incapaz de caber nesta simples nota. À guisa de proposta, sugerimos aos nossos juízes de exposições que procurem usar um pouco da aromaticidade nos julgamentos, pelo menos em casos de desempate. Sem dúvidas, um bom exercício de memória olfativa.

Todavia, nem tudo são rosas perfumadas no mundo das orquídeas. Existem ainda as orquídeas de odores antropomorficamente repulsivos, que podem chegar ao grau do nauseabundo. Em notas futuras, abordaremos estas inusitadas plantas, que não são flores que se cheirem. Certos insetos, as moscas por exemplo, adoram-nas de todo.

*** Prof. Dr. Antonio Ventura Pinto:**

Caixa Postal nº 68035 - Rio de Janeiro - RJ -
CEP 21944-970 - ventura@wip.com.br